

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO:

TECENDO RELAÇÕES COM O PENSAMENTO DE PAULO FREIRE

Marcia Aparecida Alferes¹

Resumo

O presente texto pretende refletir sobre a definição dos conceitos de alfabetização e letramento, e, a partir daí, discutir as principais características do pensamento de Paulo Freire sobre o processo de alfabetização em uma perspectiva crítica. Neste sentido, o texto tem por objetivo identificar e descrever o papel da alfabetização e as concepções referentes ao processo, mesmo que originalmente as idéias do autor estejam relacionadas com a alfabetização de adultos.

Palavras-chave: alfabetização, letramento, método.

1. Introdução

Segundo Silva e Ferreira (2007) o tema alfabetização avançou na discussão teórica, visto que, hoje é um tema que agrega em torno dele estudos e reflexões de vários campos do conhecimento, tais como: psicologia, sociologia, história da educação, lingüística, psicolingüística, entre outros.

Avançou-se no próprio conceito, pois além da criação do conceito de letramento, desinventou-se e reinventou-se a alfabetização (Soares, 2004).

Para Soares (1985, p. 20 – grifo da autora) “[...] não parece apropriado, nem etimológica nem pedagogicamente, que o termo alfabetização designe tanto o processo de *aquisição* da língua escrita quanto o processo de seu *desenvolvimento* [...]” Sendo assim, a autora toma o conceito de alfabetização em seu sentido próprio e específico, como o processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e de escrita, ou seja, “[...] a alfabetização, entendida como processo de aquisição e apropriação do sistema de escrita, alfabético e ortográfico [...]” (SOARES, 2004, p. 16)

Conclui a autora que alfabetização não é uma habilidade, mas um

¹ Pedagoga e Especialista em Gestão da Educação pela Faculdade de Educação, Administração e Tecnologia de Ibaiti - FEATI. Mestre em Educação na Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG.

conjunto de habilidades que exige uma articulação e integração dos estudos e pesquisas a respeito de suas diferentes facetas. Essas facetas referem-se, fundamentalmente, às perspectivas psicológica, psicolinguística, sociolinguística e propriamente lingüística do processo. (SOARES, 1985)

Para Freire (1985), o processo de alfabetização caracteriza-se no interior de um projeto político que deve garantir o direito a cada educando de afirmar sua própria voz, pois, segundo o autor, “a alfabetização não é um jogo de palavras; é a consciência reflexiva da cultura, a reconstrução crítica do mundo humano, a abertura de novos caminhos (...) A alfabetização, portanto, é toda a pedagogia: aprender a ler é aprender a dizer a sua palavra” (p. 14).

Já a palavra letramento é recém-chegada ao vocabulário da Educação e das Ciências Lingüísticas, pois somente a partir da segunda metade dos anos 80, que ela surge no discurso dos especialistas dessas áreas².

É uma palavra que tem origem na tradução da versão em inglês *literacy*, para o português, onde letra vem do latim *littera*, e o *cy*, denota qualidade, condição ou estado. Portanto *literacy* é a condição de ser letrado (SOARES, 1998).

Implícita a esta definição está a idéia de que a escrita traz conseqüências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, lingüísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la.

Segundo Amaral (2002) a reflexão sobre a prática de alfabetizar letrando, partindo de temas que questionam a realidade, traz outro conceito muito importante na teoria de Paulo Freire: o diálogo, como um método para uma educação problematizadora.

Neste sentido a autora diz que (id.) o processo de alfabetização na perspectiva crítica só poderá ser mediado por um professor-cidadão crítico, ou seja, por alguém que atue dentro e fora da escola como um cidadão crítico. Portanto, por um professor que reconheça a educação como um processo político e defenda, como meta educacional, a emancipação do homem.

² Segundo Soares (2002) uma das principais ocorrências do termo letramento no Brasil está no livro de Mary Kato de 1986 (No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística, Editora Ática).

Paulo Freire, alfabetização e letramento: tecendo relações

Para Soares (2007) a identificação de Paulo Freire com um método de alfabetização e até, mais especificamente, com um método de alfabetização de adultos parece uma *incorreção* e uma *redução*.

a) Primeiro, uma incorreção, pois se atribui a método o sentido restrito que essa palavra tem no vocabulário pedagógico;

b) Segundo, uma redução, pois restringe-se o pensamento de Paulo Freire à criação de um método de alfabetização.

Na verdade, Paulo Freire criou uma concepção de alfabetização. Para Soares (2007, p. 119 – grifo da autora) “[...] uma concepção de alfabetização como *prática da liberdade*, educação como *conscientização* [...]”. Uma concepção de alfabetização que na perspectiva da autora não foi apenas uma concepção como método analítico-sintético de ensinar a ler e escrever, mas como meio de democratização da cultura, como oportunidade de reflexão sobre o mundo e a posição e lugar do homem.

A autora descreve que a concepção de alfabetização que Paulo Freire criou, transforma o *material* com que se alfabetiza, o *objetivo* com que se alfabetiza e as *relações sociais* em que se alfabetiza:

a) em relação ao material, além de selecionar palavras do universo vocabular dos alfabetizandos, as palavras selecionadas são aquelas que possuem significado social, cultural, político e vivencial.

b) o objetivo se transforma de alfabetização como aprendizado de técnicas do ler e do escrever, para alfabetização como tomada de consciência, como meio de superação de uma consciência ingênua e conquista de uma consciência crítica³.

c) nas relações sociais o alfabetizando não é considerado apenas como aluno, mas como participante de um grupo; o alfabetizador considerado não como professor, mas como coordenador de debates; a interação entre coordenador e participantes considerada não como aula, mas como diálogo.

Para Freire (1996) é fundamental que se saiba que a postura do professor e dos alunos, é “dialógica”, aberta, curiosa, indagadora e não

³ Sobre consciência ingênua e consciência crítica, ver FREIRE, P. Educação e mudança. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. A aula deve ser um desafio e não uma “cantiga de ninar”. Por isso, os alunos devem cansar, não dormir.

Para Freire (1983) a alfabetização é um ato criador, no qual o analfabeto apreende criticamente a necessidade de aprender a ler e a escrever, preparando-se para ser o agente desta aprendizagem. E consegue fazê-lo na medida em que a alfabetização é mais que o simples domínio mecânico de técnicas para escrever e ler. Segundo o autor a alfabetização compreende o entendimento do que se lê e se escreve. É comunicar-se graficamente, implicando não em uma memorização mecânica das sentenças, das palavras, das sílabas, desvinculadas de um universo existencial, mas uma atitude de criação e recriação.

Apesar de não citar o termo letramento, a idéia de Paulo Freire sobre a alfabetização, de algo mais do que apenas a decodificação de signos, demonstra que o autor tem conhecimento de que na atualidade tem havido mudanças no paradigma da alfabetização que indicam que não basta a pessoa dominar a “*tecnologia de ler e escrever*” (Soares, 1998), mas que espera-se que ela seja um leitor atento, eficaz, curioso, capaz de interpretar e se transformar através da leitura e da escrita.

Utilizando-se da descrição que Freire (1983) faz da consciência crítica e consciência ingênua, Amaral (2002, p. 17) descreve que:

[...] se a alfabetização numa perspectiva crítica pretende proporcionar o amadurecimento da consciência no sentido de desmistificar a realidade vivida, deve problematizar os conflitos, as diferenças, as contradições e o antagonismo de classes existente na sociedade. É esta reflexão crítica, feita através do diálogo, que levará os educandos a reconhecerem as ideologias, a perceberem o caráter histórico e mutável das relações sociais e, portanto, assumirem-se como sujeitos na construção de si mesmos e da realidade.

Freire (2001) acredita que os alfabetizandos devem se engajar criticamente na montagem de seu sistema de sinais gráficos, enquanto sujeitos dessa montagem e não enquanto objetos dela.

Considerações finais

Vivemos em uma sociedade letrada, onde quase todas as relações são permeadas pela linguagem escrita. Participar ativamente desta

sociedade significa conhecer e fazer uso eficiente da leitura e da escrita – práticas complexas quando levamos em conta o próprio conceito de escrita como sistema associado a um patrimônio cultural e social. Desta forma, ler e escrever não significam dominar simplesmente o código, mas perceber as implicações políticas/sociais/culturais e, sobretudo, os conteúdos ideológicos constitutivos dos textos orais e escritos. (AMARAL, 2002, p. 91)

Atualmente, para que possamos nos considerar alfabetizados, não basta saber ler e escrever, ou seja, a idéia de alfabetização vai muito além do domínio do alfabeto.

Na perspectiva de Freire (1999a) a educação que visa alfabetizar de fato, tem que ser também uma educação problematizadora, que serve à libertação, realizando a superação da contradição entre educador-educandos. Afirma a dialogicidade e se faz dialógica, buscando a negação do homem enquanto ser abstrato, isolado, solto, desligado do mundo.

Segundo o autor (id.), para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação não é uma doação ou uma imposição, mas a devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada.

A alfabetização neste contexto deve segundo Freire (1999b) ser organizado de maneira que as palavras sejam do universo vocabular dos grupos populares, expressando a sua real linguagem, os seus anseios, as suas inquietações, as suas reivindicações, os seus sonhos.

Para o autor (id.), se antes a alfabetização era tratada e realizada de forma autoritária, centrada na compreensão mágica da palavra, palavra doada pelo educador – educação bancária; se antes os textos geralmente oferecidos como leitura aos alunos escondiam muito mais do que desvelavam a realidade, agora, pelo contrário, a alfabetização como ato de conhecimento, como ato criador e como ato político é um esforço de leitura do mundo e da palavra.

Para Freire (1996) se a educação não pode tudo, alguma coisa ela pode, ou seja, se a educação não é a chave das transformações sociais, não é também simplesmente reprodutora da ideologia dominante.

Concluindo, segundo Amaral (2002, p. 31):

[...] a alfabetização escolar numa perspectiva crítica fundamenta-se, principalmente, nas diretrizes teóricas da pedagogia emancipadora, desenvolvidas por Paulo Freire. Portanto, é parte de um processo que visa ao desenvolvimento da consciência crítica dos educandos,

possibilitando que estes se percebam capazes de, através da reflexão e da ação, participar na transformação das relações sociais injustas e opressoras.

Referências bibliográficas

AMARAL, C. W. do. *Alfabetização numa perspectiva crítica: análise das práticas pedagógicas*. Dissertação. (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, 2002.

FREIRE, P.; BETTO, F. *Essa escola chamada vida: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho*. 11. ed., 3. imp. São Paulo: Ática, 2001.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 26 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999a.

_____. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 37 ed. São Paulo: Cortez, 1999b.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Educação e mudança*. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

SILVA, L. L. M. da; FERREIRA, N. S. de A. Um livro, um evento, um tema: a alfabetização. In: SILVA, E. T. da (org.). *Alfabetização no Brasil: questões e provocações da atualidade*. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

SOARES, M. B. *Alfabetização e letramento*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 25, p. 5-16, jan./abr. 2004.

_____. Apresentação. *Educação e Sociedade, Campinas*, v. 23, n. 81, p. 15-19, dez. 2002.

_____. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____. As muitas facetas da alfabetização. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 52, p. 19-24, fev. 1985.